



Instituto de Artes

Departamento de Música

**UMA REFLEXÃO SOBRE AS EXPECTATIVAS MOTIVADORAS E
DESMOTIVADORAS DE QUATRO ALUNOS DE CANTO POPULAR DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Brasília – DF

Junho de 2016

FELIPPE CÉSAR DE SOUZA CRISTINO

**UMA REFLEXÃO SOBRE AS EXPECTATIVAS MOTIVADORAS E
DESMOTIVADORAS DE QUATRO ALUNOS DE CANTO POPULAR DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Trabalho de conclusão de curso submetido
como requisito parcial para a obtenção do
Título de Licenciado em Música.

Orientador: Prof. Dr. Adeilton Bairral

Brasília – DF

Junho de 2016



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Música

ATA DE DEFESA DE TCC

Felippe César de Souza Cristino

“Uma reflexão sobre as expectativas motivadores e desmotivadoras de quatro alunos de canto popular da Universidade de Brasília”

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em sob a orientação do Professor(a) Adeilton Bairral, segundo o Ato 14/2016 do dia 13 de junho de 2016, que nomeou banca de avaliação.

Resultado:

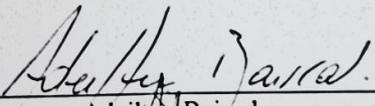
Aprovado;

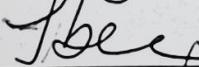
Aprovação condicionada à apresentação da versão final com as reformulações sugeridas pela banca no prazo máximo de 14 dias;

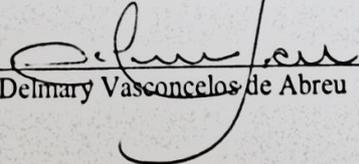
Reformulação de forma com definição de nova defesa de banca

Reprovação;

Brasília, 13 de julho de 2016.


Adeilton Bairral


Irene Bentley de Carvalho e Kessel


Delmary Vasconcelos de Abreu

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a minha família geradora, minha mãe e minha tia Socorro por torcerem por meu sucesso. A família que fiz, minha esposa, por me entender e aceitar minha profissão de músico e meu filho por me dar razões para vencer e continuar lutando. Agradeço aos meus professores de todos os tempos e níveis. Aos amigos que me incentivaram a continuar na luta e seguir adiante. À cidade de Brasília que me deu meios de estudar e desenvolver.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre quais expectativas existem nos alunos de canto popular ao iniciar os estudos, dentro de uma perspectiva de consciência do processo, considerando o viés da motivação ou desmotivação. O universo da pesquisa, foi o curso de Licenciatura do Departamento de Música Universidade de Brasília, onde foram entrevistados alunos que cursaram disciplinas que abordam o canto popular, concluindo que os entrevistados possuíam expectativas quanto às aulas que não condizem com a realidade do canto popular, e sim, possuíam expectativas que estavam vinculadas ao estudo do canto erudito.

PALAVRAS - CHAVE: canto popular, teoria das expectativas, expectativas de estudantes de canto popular.

ABSTRACT

The purpose of this work is to ponder about the existent expectations of popular singing students when they begin to study, considering the obliquity of motivation or demotivation inside a perspective of the process of conscience. The graduation course of the Music Department of the University of Brasília was the research's ambiance, where students who attended subjects about popular singing, and it can be concluded that the interviewed had growth expectations about popular singing that did not suit the reality of it, because they had expectations that were linked to erudite sing study.

KEY WORDS: popular singing, expectations theory, expectations of popular singing students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MOTIVAÇÃO	12
1.1 MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO	12
1.1.1 Teoria das Expectativas de Vroom	12
1.2 MOTIVAÇÃO DE ALUNOS	15
2 CANTO POPULAR E ERUDITO	17
2.1 CANTO POPULAR	17
2.2 CANTO ERUDITO	18
3 ENTREVISTAS	20
3.1 DESCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	20
3.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
APÊNDICE A - Questionário aplicado aos alunos	31
APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas com os alunos	32

INTRODUÇÃO

O Canto Popular é a modalidade de canto associada diretamente à Música Popular. Abrange toda uma multiplicidade de estilos de voz musical presente na indústria cultural. É um gênero musical normalmente atrelado a conteúdo verbal, sendo também um importante veículo midiático para conteúdos simbólicos (QUEIROZ, 2009).

Minha primeira formação musical foi como violonista popular estudando na Escola de Música de Brasília, por isso, ministro aulas particulares desse instrumento há pelo menos treze anos.

No que se refere ao canto popular, inicialmente tive uma formação autodidata, fiz trabalhos profissionais cantando em bandas de baile e como cantor de bares e restaurantes, sem ter estudado formalmente. Após anos de experiências nos palcos, iniciei estudos de canto popular em escolas particulares, com o intuito de elevar minha qualidade na performance. Após algum tempo fazendo aulas particulares, cursei canto popular por alguns semestres na Escola de Música de Brasília e disciplinas de canto popular na Universidade de Brasília. Em 2011, comecei a dar aulas de canto popular com o meu ingresso na Universidade de Brasília, pois sendo aluno da Licenciatura em Música, adquiri segurança para dar aulas particulares dessa modalidade de canto para iniciantes.

Segundo Requião (2007), a aula particular é aquela em que não há mediação institucional entre professor e aluno, que entram num acordo a respeito do local, do conteúdo, da carga horária, do preço e da regularidade das aulas. Essas aulas são dadas geralmente por músicos especialistas em performance, legitimados pela sua competência musical nos palcos, não necessariamente tendo estudado formalmente para atuarem como professores.

A diferença entre as aulas de canto em instituições formais e cursos alternativos de música existe entre outros aspectos, na medida em que os cursos formais como conservatórios e universidades possuem uma ementa que determina o caminho do curso, abrindo pouca abertura para a flexibilização. Nas aulas particulares, a flexibilização se faz muito presente, buscando encontrar um equilíbrio entre a proposta do professor, aspirações e objetivos dos alunos.

Minhas observações como professor de canto popular, sobre alunos que entram nas aulas com o objetivo de desenvolver sua voz, apontam na direção de um entendimento idealizado dos alunos matriculados em relação ao processo de aulas e seus caminhos. Tais observações se deram em uma instituição de cursos livres de música onde dou aulas, uma escola chamada Espaço Sonoro Academia de Música e Artes, situada em Brasília, no Distrito Federal. Na escola, reflito há algum tempo sobre aspectos ligados aos alunos iniciantes de canto popular que começam aulas para desenvolver sua voz, sejam eles com finalidades profissionais ou amadoras.

Foi observado algumas vezes a existência de uma desmotivação do aluno após uma quebra da expectativa em relação ao processo de aprendizagem do canto popular. O aluno geralmente possui uma esperança de em pouco tempo desenvolver sua forma de cantar, e quando suas expectativas não são confirmadas, geram frustração após alcançar a consciência de que as aulas não se darão como idealizado.

Silva (2010, p. 4), afirma que “a idealização é o mecanismo pelo qual o indivíduo exagera os aspectos positivos do objeto, visando se proteger de uma angústia”. No caso, observou-se que a idealização das aulas por parte dos alunos de canto popular, interfere decisivamente na motivação e conseqüentemente no seu aprendizado. Juntamente com a idealização do aluno vem a expectativa. As expectativas são os estados de espera de algo ou alguma coisa que seja viável ou plausível de acontecer.

Segundo Ferreira (1999), a palavra expectativa vem do latim *expectare*, e significa em português, esperado. A palavra expectativa também é utilizada para designar o estado esperançoso em algo que foi baseado em promessas ou possibilidades de se tornar realidade”.

Freire e Freitas (2007), esclarecem que a expectativa só é possível, não existindo realidade, quando o agente da motivação não se torna real, sendo uma condição presente no anseio do indivíduo. Para que possa existir a expectativa é necessário que exista uma previsão amparando esta esperança. Caso contrário a chamada "expectativa" passa a ser uma "ilusão", pois a expectativa é uma suposição incerta, porém influenciada por fatos reais.

As expectativas antecedem a consciência, pois quando os alunos de canto popular criam expectativas sobre as aulas, estão esperando que as aulas e seus desenvolvimentos estejam de acordo com suas expectativas, no entanto ao iniciar o

curso, os alunos tomam consciência de como ele se desenvolve e essa nova realidade consciente, causa ou um estado de entusiasmo, ou um estado de frustração ou de indiferença.

Segundo Ferreira (1999), a palavra consciência que vem do latim *conscientia* e significa conhecimento de algo partilhado com alguém. Tal palavra dá origem à palavra consciência em português, que significa o reconhecimento de algo exterior como uma situação ou algo interior como o próprio eu.

Orson Camargo, graduado em Sociologia e Política, pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP, e Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, fala da consciência no site Brasil Escola (www.brasilecola.com):

Consciência é uma qualidade psíquica, isto é, que pertence à esfera da psiquê humana, por isso diz-se também que ela é um atributo do espírito, da mente ou do pensamento humano. Ser consciente não é exatamente a mesma coisa que perceber-se no mundo, mas ser no mundo e do mundo, para isso, a intuição, a dedução e a indução tomam parte.

Prosseguindo sobre as observações, posteriormente foi observado que alunos conscientes de como aulas se desenvolvem dentro de sala, se motivam ou desmotivam, julgando-se aptos ou não aptos a investir esforços para aprender. A consciência traz ao aluno um entendimento de expectativa real ou frustrada. Estando convicto do processo de aulas o aluno se inicia em um estado ou de motivação ou de desmotivação. Sendo assim, temos uma tríade: a expectativa do aluno sobre o processo de aprendizado, a consciência de como se encadeará esse processo na realidade e a geração da motivação ou desmotivação.

Ao adquirir consciência de como se desencadearão as aulas, os estudos que terão que desempenhar, o tempo e o esforço que farão, os futuros cantores se sentem motivados ou não. Bergamini (1990), fala sobre motivação:

A diversidade de interesses percebida entre os indivíduos permite aceitar, de forma razoavelmente clara, a crença segundo a qual as pessoas não fazem as mesmas coisas pelas mesmas razões. É dentro dessa diversidade que se encontra a mais importante fonte de compreensão a respeito de um fenômeno que apresenta aspectos aparentemente paradoxais: a motivação humana.

Godin e Silva (2004) colocam que a palavra motivação vem do latim, *motivus*, significando mover, ou seja, tudo aquilo que se faz mover.

Nas minhas observações como professor de canto popular, percebi que a motivação é um fator de suma importância à continuidade do aluno nas aulas e ao seu aprendizado. O aluno precisa “mover-se” para adquirir resultados. Se as idealizações e expectativas falsas das aulas podem acarretar falta de motivação nos alunos, é importante que essas questões sejam refletidas. Altos níveis de motivação melhoram o desempenho de qualquer trabalho.

Tendo observado os alunos de aulas particulares, e cursado disciplinas que abordam o canto popular na Universidade de Brasília, surge um questionamento: As expectativas dos alunos de Canto Popular da Universidade de Brasília, são agentes que geram motivações ou desmotivações?

Cheguei a conclusões baseadas nas minhas reflexões pessoais, criei opiniões, porém não tinha os relatos de outros colegas que cursaram o canto popular na Universidade de Brasília.

Quanto à minha vivência nas disciplinas de canto popular, me mantive motivado durante os semestres, portanto minhas experiências nas aulas da disciplina Instrumento Principal Canto Popular na Universidade de Brasília foram muito positivas, gerando em mim um grande desenvolvimento na performance, na afinação, no repertório e no conhecimento teórico do período musical estudado. Em cada semestre da disciplina Instrumento Principal Canto Popular, é abordado um período musical a ser explorado. Cursei Instrumento Principal Canto Popular I onde foram abordadas a Era do Rádio, Instrumento Principal Canto Popular II com a Era dos Festivais e Instrumento Principal Canto Popular III abordando o período da Bossa Nova.

Com o objetivo de adquirir material para uma reflexão sobre a opinião de outros alunos, no que se refere às suas expectativas e geração de motivação ou desmotivação nas aulas de canto popular, foram buscados relatos de alguns alunos no Departamento de Música da Universidade de Brasília. Foram feitas entrevistas com quatro alunos que cursaram disciplinas que contêm o canto popular no Departamento de Música da Universidade de Brasília. Os relatos foram colhidos entre outubro e novembro de 2015.

Os critérios de escolha dos entrevistados foram: ter cursado a disciplina Instrumento Principal Canto Popular I ou Instrumento Suplementar Canto Popular I e ter horário livre compatível para nos reunirmos. Sendo assim os quatro primeiros alunos abordados, que preenchiam os requisitos, aceitaram responder as questões. Tais abordagens foram feitas pessoalmente no Departamento de Música da Universidade de Brasília, nos intervalos entre aulas de disciplinas diversas.

A dois alunos foram entregues uma folha com as questões abertas (Apêndice A) a serem respondidas. Os outros dois alunos responderam às mesmas questões oralmente, sendo gravadas e posteriormente transcritas (Apêndice B) para uma melhor análise e reflexão.

Colhidos os relatos dos quatro alunos entrevistados, buscou-se referenciais teóricos sobre motivação e canto popular. Porém, foi percebido que alguns alunos punham em suas respostas referências indiretas ao canto erudito, sendo assim buscou-se inserir no trabalho as características do canto erudito, como forma de auxílio a um melhor entendimento dessa modalidade de canto.

O objetivo desses levantamentos foi o de possibilitar a reflexão sobre os relatos dos quatro alunos entrevistados, no que se refere à existência ou inexistência de expectativas, e suas relações com a motivação e desmotivação desses alunos ao cursarem as aulas das disciplinas Instrumento Principal Canto Popular I e Instrumento Suplementar Canto Popular I da Universidade de Brasília.

1 MOTIVAÇÃO

(...) A valência de uma recompensa é única para cada indivíduo estando condicionada às suas experiências e pode variar substancialmente durante um período de tempo, uma vez que quando necessidades antigas são satisfeitas, outras novas emergirão. (SZILAGYI e WALLACE, 1990)

Como foi anunciado na Introdução, este trabalho tem por objetivo refletir sobre as expectativas dos quatro alunos entrevistados de canto popular do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Essas reflexões incidem na existência ou na não existência de motivação dos quatro alunos entrevistados, por esse motivo, é de suma importância que entendamos algumas aplicações, significados, causas e efeitos da motivação humana.

1.1 A MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO

Chiavenato (2009), afirma que vários fatores influenciam o comportamento dos indivíduos, e esses fatores são difíceis de compreender. O comportamento dirige-se ao objetivo, após à motivação. O comportamento de dedicação ao estudo se torna consequência do fato de haver motivação para tal estudo. O conceito de motivação tem como significado o que impulsiona a pessoa a agir de uma determinada forma ou comportamento específico, sendo influenciada por fatores individuais. Estar motivado para o trabalho é um nível psicológico de disposição, interesse ou vontade de perseguir ou realizar uma tarefa ou meta, então, uma pessoa motivada para o trabalho possui disposição favorável para realizar um esforço.

Bergamini (1990), afirma que a motivação de cada indivíduo sofre variações de acordo com sua bagagem genética e suas experiências pessoais.

1.1.1 Teoria das Expectativas de Vroom

A motivação depende da força da expectativa de que uma ação trará o resultado esperado e da atração que esse resultado exercerá sobre o indivíduo. Para estar motivado, o funcionário deverá estar certo de que o seu esforço renderá uma boa avaliação, de que essa

avaliação resultará em recompensas profissionais e de que tais recompensas atenderão às suas metas pessoais (ROBBINS, 2004).

Villas Boas (2009) destaca que entre várias teorias sobre motivação, a Teoria das Expectativas de Vroom é a mais aceita pelos psicólogos e sociólogos contemporâneos, por isso, foi escolhido o trabalho de Vroom para a reflexão sobre a existência ou não de motivação dos quatro alunos de canto popular entrevistados da Universidade de Brasília.

Victor H. Vroom é um psicólogo canadense, nascido em 1932, que desenvolveu a Teoria das Expectativas em 1964, tentando explicar a motivação humana. Tomou como base em sua pesquisa que um indivíduo pode desejar aumentar a produtividade ao ter uma expectativa ou recompensa em torno dele e do seu trabalho. Segundo Vroom, o processo de motivação deve ser explicado sob o olhar dos objetivos e das escolhas de cada indivíduo e das suas expectativas em atingir esses mesmos objetivos. A teoria consiste numa abordagem perceptiva, que considera o comportamento e o desempenho como resultado de uma escolha consciente.

Segundo Vroom (1995), o ciclo motivacional se inicia toda vez que surge uma necessidade. Rompe-se o estado de equilíbrio do organismo, essa necessidade quando suprida deixa de ser motivadora de desempenho. Essa mesma necessidade quando frustrada pode criar obstáculos e tensão que é retirada via fisiológica ou psicológica.

Existem três fatores que determinam em cada indivíduo a motivação em produzir: desejo de atingir objetivos individuais; a relação que o indivíduo faz entre produtividade e obtenção dos seus objetivos; a capacidade de o indivíduo entusiasmar seu próprio nível de produtividade, à medida que crê influenciá-lo. Esses três fatores são chamados de: valência, instrumentalidade e expectância.

O fator “valência” é o quanto vale se esforçar para alcançar algo, ou seja, o valor que a pessoa atribui aquele determinado esforço. O fator “Instrumentalidade” é o conceito que diz que quanto maior o esforço, maior a compensação. E o fator “expectância” é a confiança que se tem no poder de realizar o esforço e conseguir recompensa.

Szilagyi & Wallace (1990), colocam a “valência” de Vroom como uma recompensa única para cada indivíduo, estando condicionada às suas experiências. A “valência” pode variar durante um período de tempo, pois quando necessidades antigas são satisfeitas, outras novas surgirão.

Como exemplo do fator “valência”, podemos citá-la como positiva, quando um instrumentista profissional executa exercícios técnicos, melhorando sua performance no instrumento. Saber que o esforço de praticar os exercícios diariamente, trará a recompensa de melhorar seu desempenho, faz o fator “valência” ser positivo.

O fator “instrumentalidade” é o entendimento da relação entre desempenho e compensação. E a percepção da possibilidade de alcançar uma recompensa maior em decorrência de um maior esforço exercido. A “instrumentalidade” diz respeito à percepção particular da relação de causa e efeito. Quando o esforço cresce, crescem também as recompensas. Se existe uma percepção de que os esforços não irão produzir recompensas, o fator “instrumentalidade” é negativado e a motivação desaparece. Como exemplo, podemos citar que para ter uma “instrumentalidade” positiva, um instrumentista deve acreditar que mais tempo de estudo, trará maior desenvolvimento em sua performance.

No que se diz respeito ao fator “expectância”, Szilagyi & Wallace (1990) entendem como a esperança individual de atingir frutos, revelando o desempenho particular de cada um, ou seja, uma auto avaliação. A “expectância” é negativa quando o indivíduo crê não possuir as condições necessárias de realizar determinado esforço que trará recompensa. Porém, a “expectância” será positiva se o indivíduo acreditar que tem condições necessárias para realizar os esforços que trarão recompensa. Como exemplo, podemos citar um instrumentista que acredita que se estudar três horas diárias irá melhorar seu desempenho no instrumento, porém, por motivos diversos, só dispõe de trinta minutos diários. Tal instrumentista, entende que não tem as condições necessárias para a realização do esforço por falta de tempo, ou seja, não dispõe das três horas diárias que acredita serem importantes para um melhor resultado. Sendo assim a “expectância” é negativa.

Para que uma pessoa esteja “motivada” é preciso que ela atribua valor à compensação advinda do esforço, e acredite que um maior empenho propiciará uma

maior compensação esperada, além disso, o indivíduo necessita acreditar que tem as condições necessárias para realizar o esforço que trará a compensação.

A “motivação” pressupõe escolhas entre comportamentos, sendo que o indivíduo tem noção das implicações de cada opção de ação como um conjunto de possíveis resultados decorrentes da sua conduta.

Vroom (1995) descreve a fórmula da motivação como o produto dos fatores: “valência”, “instrumentalidade” e “expectância”. Para que haja motivação, todos os termos da fórmula têm que ser positivos, e nenhum dos fatores pode estar ausente.

1.2 MOTIVAÇÃO DE ALUNOS

Condessa (2011) esclarece que no século XX, a motivação passou a ser estudada por várias áreas do conhecimento como a psicologia, a administração e educação. Os estudos na área da educação vêm tentar entender as motivações dos professores para o ensino e dos alunos para o aprendizado. O estudo para alunos de música está no início de uma grande caminhada e é direcionado em sua maioria para as aulas de instrumento, individuais ou em grupo, tendo por objetivo, principalmente, crianças e adolescentes. Os estudos focados na psicologia educacional e na educação musical consideram que a motivação do aluno é um processo complexo que possui características variadas e peculiares.

Piaget (1962) conceitua motivação na educação como “energia para o aprendizado”. Um aluno motivado possui ânimo e potência para se colocar em posição de dedicação aos estudos, priorizando-os e não medindo esforços para a realização do trabalho necessário ao aprendizado e ao crescimento intelectual. Os estudos de Piaget levam em conta a prática do aluno na educação geral e não especificamente ao aprendizado de música com suas peculiaridades.

Ghazali (2006) coloca que a motivação do aluno de música para aprender, envolve crenças pessoais e as interações com o ambiente em que está inserido. Sendo assim o fator cultural possui grande influência determinando a motivação ou desmotivação à medida que a cultura inserida favorece ou não o aprendizado musical. Em algumas cidades, por exemplo, a motivação dos alunos para certos tipos de aprendizados musicais, como tocar acordeom pode ser maior ou menor entre os

jovens e adultos dependendo do grau de importância que sua cultura dá ao instrumento e ao estilo. Alunos que possuem pais músicos, geralmente desenvolvem um interesse diferente pela música do que aqueles que não têm contato com a arte tão cedo.

Segundo Leung, So e Lee (2008), as possíveis metas dos alunos de serem músicos profissionais ou professores de música, são exemplos de objetivos que levam os estudantes a uma probabilidade maior de estarem motivados. Tendo esses objetivos, os estudantes se dedicam seriamente aos estudos.

Vilela (2009) observa que a literatura mostra os alunos valorizando tarefas nas quais possuem segurança, onde têm bom desempenho e conseqüente sucesso. Por este motivo, investem mais esforço e possuem altos níveis de aprendizagem e motivação.

2 CANTO POPULAR E ERUDITO

Nos cursos de música da Universidade de Brasília, existem duas modalidades de canto. O canto popular e o canto erudito. Diante das respostas dos quatro alunos às entrevistas, se fez necessário caracterizarmos além do canto popular o canto erudito, pois, nas respostas apresentadas nas entrevistas, encontramos referências de alguns, dos quatro alunos, sobre características de uma modalidade de canto que não estão presentes no canto popular, sendo assim, houve uma necessidade de pesquisar as características e particularidades do canto erudito, para um melhor entendimento, análise e reflexão das respostas dos alunos entrevistados.

Nogueira (2012) coloca que a música erudita, se refere a obras que exigem dos músicos e do público um tipo de conhecimento prévio, em geral adquirido pela leitura, cursos especializados, audições didáticas, escuta de gravações e o hábito de frequentar concertos. Dentro de uma perspectiva voltada ao canto, o canto erudito seria o canto que necessita de cultivo, de estudo e de conhecimento para ser executado.

Segundo Queiroz (2009), a música popular é um importante veículo midiático atrelado geralmente a um teor oral, produzido pela indústria cultural, e o canto popular é a modalidade de canto que serve a essa música.

Sandroni (2013) afirma, se referindo ao estudo do canto erudito, canto popular e suas características, que “existem variações ao longo do tempo em relação ao que é abordado em linhas didáticas sobre essas duas modalidades de canto”, e esclarece que diferentes abordagens de aulas e conceitos são utilizadas nos dois estilos.

2.1 CANTO POPULAR

A difícil tarefa de buscar delimitação para o canto popular brasileiro nos coloca diante de um universo estético e expressivo quase indecifrável, tamanha a multiplicidade de gêneros e estilos musicais que, longe de serem unânimes, são agrupados sob a égide da sigla MPB. (KIMURA, 2015 p.12)

Sandroni (2013) diz que as características principais do canto popular seriam a inexistência de uma emissão vocal ideal em que o cantor popular valorizará sua

qualidade vocal tentando personalizá-la, ou seja, a ideia é ser reconhecido o mais rápido possível por seus ouvintes após a emissão da sua voz.

Não existem problemas no canto popular quanto à emissão ser variável, “suja” ou com sopro, contrariando a qualidade vocal procurada no erudito. No canto popular podem-se explorar diferentes registros como as vozes de peito e cabeça dependendo das características da canção no momento. Pode-se incorporar “defeitos” como marca particular e transformá-los em “qualidades” com o objetivo de identificação de determinada voz.

Os agudos, no canto popular, podem ser mais “abertos” em relação aos agudos colocados no canto erudito. No que se diz respeito ao gênero, no canto popular, as mulheres dão ênfase a voz ou registro de peito e os homens podem usar o falsete quando assim o desejarem.

No canto popular, a classificação vocal é dispensável, existindo cantores que atuam ao longo de suas carreiras sem saber exatamente a categorização de sua voz.

A enunciação, no canto popular, é mais importante que a qualidade da emissão vocal. O cantor popular quase sempre se apresenta com microfone amplificando sua voz, com coloquialidade na interpretação.

O vibrato, para o cantor popular, é opcional dependendo da intenção do cantor ou do estilo, sem indicações do compositor na obra, pois, muitas vezes as composições populares não são formalizadas em partituras com muitos detalhes interpretativos como no canto erudito.

Quanto aos critérios fisiológicos, como a posição do laringe no momento da emissão da voz, no canto popular, se torna próxima da posição existente na fala.

2.2 CANTO ERUDITO

A música erudita divide-se em duas categorias: Sacra e Profana. O canto lírico (erudito) é um tipo de música profana e corresponde à ópera propriamente dita, o que exige longo treinamento, domínio da projeção vocal e qualidade rica em harmônicos (ÁVILA; OLIVEIRA; BEHLAU, 2010).

Sandroni (2013) afirma que no canto erudito temos uma busca pela emissão límpida e estável da voz buscando uma melhor qualidade vocal possível. É importante a uniformização de registros de peito e cabeça com domínio da região de passagem,

sendo assim o cantor erudito procura eliminar “defeitos” e impurezas da sua voz, buscando a qualidade vocal máxima exigida para as obras.

Diante dos agudos, os intérpretes do canto lírico procuram executá-los mais fechados diferentemente do canto popular que não exige essa prática. As mulheres dão ênfase ao registro de cabeça e os homens, na maioria das vezes não usam falsete, portanto a classificação vocal é indispensável para a colocação do cantor em seu naipe, determinando as obras que ele pode ou não interpretar.

No canto erudito, a qualidade da emissão é mais importante que a enunciação. A amplificação da emissão da voz é imprescindível, pois, o cantor clássico ambiciona grande intensidade e projeção vocal, otimizando e maximizando sua voz.

É observado, no canto erudito, fisiologicamente na execução do artista, um abaixamento no laringe como busca de uma voz mais estável e “redonda”. Existe uma equalização entre vogais emitidas, que é a habilidade do cantor mudar o som das vogais sem alterar a qualidade do som.

O cantor erudito possui o vibrato, que geralmente entra nos finais de frases, bem presente nas interpretações se colocando como um “floreio” nas obras.

Sendo assim, ao esclarecermos algumas características do canto popular e do canto erudito, bem como suas diferenças e semelhanças segundo a ótica de Sandroni (2013), colaboramos para uma reflexão mais completa das respostas dadas pelos quatro alunos entrevistados, já que em suas respostas (Apêndice B) observou-se a existência de expectativas ligadas ao canto erudito.

3 ENTREVISTAS

3.1 DESCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

A entrevista é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Trata-se de uma conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si, pois esta última é mantida pelo próprio prazer de estabelecer contato sem ter o objetivo final de trocar informações, ou seja, diminuir as incertezas acerca do que o interlocutor diz (FRASER; GONDIM, 2004).

As entrevistas foram feitas com quatro alunos do Departamento de Música da Universidade de Brasília sobre suas expectativas e motivações sobre as disciplinas que possuem o canto popular em seus nomes. Os alunos entrevistados participaram, pelo menos, de uma das disciplinas do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília: Instrumento Principal Canto Popular I ou Instrumento Suplementar Canto Popular I.

As entrevistas nos mostram que três dos quatro alunos entrevistados, nunca fizeram aulas formais ou particulares de música. Tiveram suas experiências com o canto coral em igrejas.

As expectativas de três dos quatro alunos eram de maior enfoque na técnica e em exercícios para a melhora da qualidade vocal. Observou-se que apesar de iniciantes na disciplina de canto popular do Departamento de Música da Universidade de Brasília, já possuíam uma experiência com o canto, mesmo sendo de outra modalidade, como o canto coral, onde a divisão de vozes é muito trabalhada. Esses alunos relataram também que tiveram aulas de técnica vocal nos corais que participaram. Daí, os seus conhecimentos sobre exercícios técnicos melhorando seus desempenhos.

A partir do momento que entenderam que o foco da disciplina não passava por uma grande abordagem em exercícios técnicos para a melhora da qualidade vocal, relatam uma desmotivação causada por uma expectativa não confirmada. Os anseios desses alunos passavam por explicações e execuções de exercícios vocais que melhorassem a qualidade vocal pretendida por eles.

Os exercícios são apenas sugestões de trabalho que enfatizam e privilegiam determinados parâmetros vocais, porém, a voz como um todo é um processo existencial complexo, relacionado à produção do som, que atua antes, durante e depois da emissão vocal (PEDROZO, 1997).

Um dos alunos, se dizendo desprovido de expectativas quanto ao desenrolar das aulas, coloca que não se desmotivou durante a disciplina, apenas não gostou da obrigatoriedade de se apresentar no final do semestre, porém, segundo ele, esse não foi um aspecto desmotivador e sim de geração de ansiedade. Ao final do semestre os alunos se apresentam em uma audição temática, na qual cada aluno escolheu uma música do período estudado para cantar e o professor outra peça musical, totalizando duas músicas a serem apresentadas por cada aluno no *show* final. Esse aluno, apesar de ter feito aulas de canto popular na Escola de Música de Brasília, não atentou para o fato de que a disciplina por ser performática, os alunos ao final do semestre deveriam se submeter a uma avaliação prática em uma audição pública.

Vale ressaltar que um aluno ficou descontente quanto à disciplina Instrumento Principal Canto Popular I, determinar um período da música brasileira a ser abordado no semestre, e não poder escolher livremente canções de outros períodos, mas achou positivo ter aulas teóricas sobre o momento da música que estava sendo estudado.

Além de aulas práticas semanais em duplas de alunos, a disciplina Instrumento Principal Canto Popular I, possui horários semanais de exposições teóricas em turma, contextualizando o momento histórico do estilo trabalhado no semestre e ressaltando suas particularidades, seus precursores e os artistas inseridos. Um aluno entrevistado entendeu que essa contextualização é importante para o cantor popular, pois interpretar as canções compreendendo detalhes do estilo pode assim melhorar sua performance.

Segundo um dos alunos entrevistados, as aulas de Instrumento Suplementar Canto Popular I, eram feitas com alunos cantando na frente da turma, uns para os outros, como se fosse um “mini show” musical em cada aula. Somando-se a esse aluno, outro aluno entrevistado concorda que foi positiva a possibilidade de melhorar a performance nesse contexto de exposição, pois trabalhou a desinibição do cantor se apresentando em público.

O relato de um dos quatro alunos, que cursou as disciplinas Instrumento Suplementar Canto Popular I e Instrumento Principal Canto Popular I, colocou as abordagens técnicas da voz aparecendo um pouco mais na disciplina Instrumento Suplementar Canto Popular I.

Com esses relatos e descrições dos quatro alunos entrevistados, pode-se produzir o conteúdo do estudo para reflexão.

3.2 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Conhecimento científico é conhecimento provado. As teorias científicas são derivadas de maneira rigorosa da obtenção dos dados da experiência adquiridos por observação e experimento. A ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar etc. Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência. A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente (CHALMERS, 1993, p.19).

Piaget (1962) afirma que a motivação para a educação é a energia que o aluno possui para o aprendizado, sendo assim, faremos uma reflexão da existência ou não de energia para o aprendizado dos quatro alunos entrevistados do Departamento de Música da Universidade de Brasília, sob a ótica da teoria das expectativas de Vroom.

Sendo a “valência”, o quanto vale se esforçar para alcançar algo, ou seja, o valor que o indivíduo atribui àquele determinado esforço, é correto afirmar que os quatro alunos entrevistados possuíam esse fator inicial positivo no que se refere a Teoria das Expectativas. Os alunos tiveram aprovação nas disciplinas de canto popular, então, também é correto afirmar que compareceram as aulas, fizeram atividades propostas pelos professores e investiram tempo para a obtenção de créditos da disciplina. O valor dado ao esforço de alcançar os objetivos de melhorar sua performance no canto e garantir os créditos das disciplinas é positivo. Os quatro alunos acreditavam que realizando esforços iriam melhorar suas performances e conseguir os créditos da disciplina. Esses eram os objetivos.

A “instrumentalidade” é o entendimento individual da relação entre desempenho e compensação, ou seja, a percepção da possibilidade de alcançar uma recompensa maior em decorrência de um maior esforço. A “instrumentalidade” difere

da valência no aspecto quantitativo. Se na valência entende-se que é importante o esforço para atingir um objetivo, na instrumentalidade o indivíduo precisa acreditar que além de ser importante se esforçar, quanto mais ele se esforça maior será sua recompensa.

Colocando a instrumentalidade no contexto da nossa pesquisa, seria a crença por parte do estudante de que um maior esforço, como por exemplo, um maior tempo de estudo dedicado a disciplina, o tornará muito mais desenvolvido em sua qualidade vocal e na sua performance no canto popular.

Ao iniciar o semestre, os quatro alunos entrevistados possuíam uma instrumentalidade positiva, pois entendiam que quanto mais se dedicassem às aulas de canto popular mais desenvolveriam sua técnica e seriam melhores cantores, como fica evidente nas entrevistas. Por outro lado, para três dos quatro alunos, ao iniciarem as aulas e se depararem com uma abordagem de aula diferente de suas expectativas, houve uma conseqüente negatização do fator instrumentalidade, quebrando assim um aspecto importante para a existência da motivação, segundo Vroom. A partir daí, não houve motivação para esses três alunos, pois, a inexistência da instrumentalidade inviabilizou a motivação segundo a Teoria das Expectativas. Os alunos relataram que queriam aulas que dessem ênfase a qualidade vocal com exercícios técnicos e correções de emissões, porém, não está previsto que o papel das aulas das disciplinas de canto popular seria o de enfatizar a emissão perfeita e límpida da voz, corrigir defeitos e uniformizar qualidades vocais. Quando essa consciência por parte desses três alunos apareceu, não mais acreditaram que esforços maiores trariam recompensas maiores, pois os prêmios desejados estavam atrelados a um desenvolvimento vocal diferente, e esse modelo de aula caracterizado pelo canto popular, não traria suas recompensas que estão pautadas no canto erudito, como visto no capítulo 2. Podemos concluir que o que acreditam os três alunos é que mais esforço não leva à direção desejada e sim a outro caminho “desconhecido”.

Para um dos alunos entrevistados, que tinha feito anteriormente aulas de canto popular na Escola de Música de Brasília, a instrumentalidade não foi negatizada, pois o aluno trazia uma experiência anterior com o tipo de abordagens de aula do canto popular, portanto não possuía expectativas irreais sobre as disciplinas cursadas de canto popular, permanecendo motivado.

Confiança e auto avaliação são os princípios do terceiro fator da teoria de Vroom, a “expectância”. Esse fator está ligado a quanto o indivíduo acredita que tem condições de realizar o esforço para atingir o objetivo.

Foi observado que os quatro alunos entrevistados, por estarem matriculados no curso, acreditavam que teriam capacidade de realizar os esforços necessários para o objetivo de desenvolver suas habilidades vocais e concluir a disciplina. A matrícula na disciplina é a confirmação da crença dos alunos em possuírem competência e condições diversas para a realização de esforços. Acreditaram que alcançar o objetivo de concluir a disciplina melhoraria suas técnicas vocais.

Dentro da análise feita, três dos alunos entrevistados não possuíam motivação após o início das aulas das disciplinas de Canto Popular na Universidade de Brasília, pois segundo Vroom, a falta de um dos três fatores é suficiente para que não haja motivação, sendo assim, a falta do fator “Instrumentalidade” inviabilizou o processo motivacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante esclarecer que o trabalho é uma reflexão sobre os relatos de quatro alunos que cursaram as disciplinas que possuem o canto popular da Universidade de Brasília. Sendo uma amostra pequena, delimitação explanada na Introdução, não pode representar uma visão estatística, ou a opinião de uma faixa maior dos alunos que cursaram ao longo de vários semestres as disciplinas Instrumento Principal Canto Popular I e Instrumento Suplementar Canto Popular I. Toda a reflexão e análise aqui apresentada ficou exclusivamente focada nos quatro alunos entrevistados.

Por tudo, o trabalho reflexivo vem sugerir que existiram expectativas não confirmadas em três dos quatro alunos entrevistados sobre as aulas de canto popular das disciplinas Instrumento Principal Canto Popular I e Instrumento Suplementar Canto Popular I da Universidade de Brasília. Sugere-se que as expectativas não confirmadas, geraram desmotivação sob a ótica da Teoria das Expectativas de Vroom.

Foi observado que os alunos que esperavam das aulas mais ênfase na técnica vocal, vinham de uma experiência do canto coral, que possui um caminho diferente de abordagem pedagógica em relação ao canto popular. O canto coral, nem sempre possui um repertório erudito, porém, possui características do canto erudito, como por exemplo, a classificação vocal imprescindível.

Perelló (1975) mostra que os corais são subdivididos em vozes, agrupadas de acordo com a extensão vocal de cada participante. O regente ou um preparador vocal podem ser os responsáveis pela classificação das vozes, por isso, uma classificação vocal precisa é de grande importância, facilita a emissão, realça suas qualidades e previne lesões e enfermidades no aparelho fonador.

Observou-se que os alunos, que se desmotivaram durante o curso, esperavam um maior número de exercícios vocais, para uma melhor colocação da voz, porém, as características principais do canto popular seriam a inexistência de uma emissão vocal ideal, onde o cantor popular iria personalizar sua voz não existindo problemas em uma emissão variável, sendo assim, a enunciação, no canto popular, é mais importante que a qualidade vocal.

Sugerindo que, três dos quatro alunos se desmotivaram, segundo a Teoria das Expectativas, por falta do fator “Instrumentalidade”, criaram uma idealização do curso por terem experiências anteriores com o canto coral em igrejas. Porém, como argumentamos com os autores citados, esse caminho idealizado pelos alunos é trilhado pelo canto erudito e não pelo canto popular.

Ratificando este ponto de vista, Sandroni (2013) nos mostra que a ênfase na colocação vocal perfeita e na classificação vocal, existe em aulas de canto erudito e não no canto popular.

Pode-se concluir que as disciplinas Instrumento Principal Canto Popular I e Instrumento Suplementar Canto Popular I, cumprem perfeitamente o seu papel de ensino do canto popular, não dando margens a desmotivação de alunos conscientes e informados sobre essa modalidade de canto. Nas disciplinas citadas, as características das aulas estão de acordo com a abordagem do canto popular, porém, três dos quatro alunos entrevistados, não tinham conhecimento das características dessa modalidade de canto, idealizando as aulas das disciplinas cursadas. Tal conclusão ampara-se no relato de um dos alunos entrevistados que não se sentiu desmotivado, provavelmente por que não idealizava as aulas das disciplinas por ter feito cursos de canto popular na Escola de Música de Brasília, porque possuía informação e vivência de aulas do canto popular.

Sendo assim, podemos inferir que alunos com experiências anteriores e informações sobre o canto popular, provavelmente não se desmotivarão diante das aulas de canto popular no Departamento de Música da Universidade de Brasília, pois entendem que o seu conteúdo está de acordo com a proposta de desenvolvimento do cantor popular. Por outro lado, alunos que se matriculam nas disciplinas de canto popular idealizando-as com características do canto erudito, possuem mais probabilidade de entrar em estado de desmotivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA M, OLIVEIRA G, BEHLAU M. **Índice de desvantagem vocal no canto clássico (IDCC) em cantores eruditos.** Pró-Fono Revista de Atualização Científica. 2010.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação: mitos, crenças e mal-entendidos.** RAE- revista de administração de empresas, v. 30, n. 2, p. 23-34, 1990.

BORUCHOVITCH, EVELY e BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.** 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAMARGO, Orson. Colaborador Brasil Escola. **Consciência.** Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/consciencia-moral-liberdade-humana.html>>. Acesso em: 19 de novembro.2015 19:37.

CHALMERS, Alan Francis; FIKER, Raul. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos, o capital humano das organizações.** 9. Ed. Elsevier, Rio de Janeiro, 2009.

CONDESSA, Janaína. **A motivação dos alunos para continuar seus estudos em música,** 2011.

FERNANDES, A. J; KAYAMA, A. **A sonoridade vocal e a prática coral no Barroco: subsídios para a performance barroca nos dias atuais.** PER MUSI – revista acadêmica de música, Belo Horizonte, n.18, 2008, p.59-68.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.**3. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1999.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Paidéia, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FREIRE, Ayalla Cândido; DE FREITAS, Lucia Santana. **A aplicação da teoria da expectativa de vroom na perspectiva de jovens universitários em seus primeiros empregos.** In: *Conocimiento, innovación y emprendedores: camino al futuro*. Universidade de La Rioja, 2007.

GHAZALI, Ghaziah M. **Factors Influencing malaysian children's motivation to learning music.** Tese de doutorado da Universidade de New South Wales, Sydney, 2006.

GONDIM, Sônia Maria Guedes; SILVA, Narbal. **Motivação no trabalho. Psicologia, organizações e trabalho no Brasil.** Porto Alegre: Artmed, p. 145-176, 2004.

JANET, P. **L'automatisme psychologique, essai de psychologie expérimentale sur.** Revista latino americana de psicopatologia fundamental, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 301-309, 2008.

KANFER, R. **Motivation theory and industrial and organizational psychology.** Publicação da *Industrial and organizational psychology*. Vol. 1, p. 75-130. Palo Alto, 1990.

KIMURA, Verônica. **A formação e as práticas de ensino de professores de Canto Popular: perspectivas de professores da cidade de Florianópolis – SC.** 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

LEUNG, Chi Cheung; SO, Allison; LEE, Anthony. **Cope With change: motivating students to study music in senior secondary programmes.** *Journal of Artistic and Creative Education*, v.2, n.2, p. 108-126, 2008.

MCKINNEY J.C. **O diagnóstico e correção de problemas vocais. Um manual para professores de canto e regentes de corais.** Recife: Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; 1994.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

NOGUEIRA, Marcos Pupo. **Porque estudar Música “Erudita”.** Ministério da cultura e vale apresentam, p. 122, 2012.

PEDROSO, M. I. L. **Técnicas Vocais para os Profissionais da Voz** - Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Voz – CEFAC – São Paulo, 1997.

PERELLÓ J. **Canto-Dicción**. Barcelona, 1975.

PIAGET, Jean. **The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child**. *Bulletin of the menninger clinic*, Topeka, v. 26, n. 3, p. 129-137, 1962.

QUEIROZ, Alexei Alves de. **Canto Popular: pensamentos e procedimentos de ensino na UNICAMP**. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de artes, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

REQUIÃO, Luciana. **Escolas de música alternativas e aulas particulares: uma opção para a formação profissional do músico**. *Cadernos do Colóquio*, v. 4, n. 1, 2007.

ROBBINS, S. P. **Fundamentos do comportamento organizacional**. São Paulo, 2004.

SANDRONI, Clara. **Práticas de ensino de canto popular urbano brasileiro no grupo de estudos da voz (gev-rj) e seus desdobramentos**. Rio de Janeiro, 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SZILAGYI, A. D., JR. & WALLACE, M. J. JR. **Organizational Behavior and Performance**, 1990.

VILELA, Cassiana Zamith. **Motivação para aprender música: o valor atribuído à aula de música no currículo escolar e em diferentes contextos**. 2009.

VILAS BOAS, Ana Alice. **Motivação: o estudo dos fatores que influenciam os indivíduos a optar por ingressar em organização do setor público, do ramo de energia**. *Gestão & Regionalidade*, v. 24, n. 72, 2009.

VROOM, V.H. *Work and motivacion*. Nova York, 1995.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos

Identificação do Aluno

Nome:

Idade:

Semestre:

Curso:

Explicação sobre o questionário dadas aos alunos:

Antes de iniciar uma aula de canto em qualquer escola ou instituição, o aluno possui expectativas e idealizações do processo de aprendizagem que nem sempre são verdadeiras. Se essas expectativas existem e foram quebradas, que consequências trazem ao aluno? Motivação ou Desmotivação?

Esse Trabalho tem a finalidade de refletir as expectativas dos alunos antes das aulas de Canto Popular na UnB. E que expectativas são quebradas trazendo produtividade ou improdutividade ao aluno.

Questionário:

1. Que outros cursos ou aulas de canto teve antes da UnB?
2. Que disciplina cursou ou cursa na UnB de Canto?
3. Que expectativas tinha antes das disciplinas de canto? Essas expectativas foram confirmadas? Explique quais se confirmaram e quais não se confirmaram.
4. Dentro das expectativas confirmadas e não confirmadas, o que o desmotivou e o que o motivou nas aulas?

APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas com os alunos

Aluno 1: 22 anos, cursa o 9º semestre do Curso de Licenciatura em Música

Que outros cursos ou aulas de canto teve antes da UNB?

Nunca fiz aulas de canto, porém cantava na igreja aprendendo no dia a dia como autodidata. Nos corais fazíamos alguns vocalizes e tínhamos dicas dos regentes.

Que disciplina cursou ou cursa na UnB de Canto?

Instrumento Principal Canto Popular 1, Instrumento Principal Canto Popular 2 e Canto Suplementar I.

Que expectativas tinha antes das disciplinas de canto? Essas expectativas foram confirmadas? Explique quais se confirmaram e quais não se confirmaram.

Talvez por eu confundir popular com o erudito, achava que a aula de canto popular teria muita técnica vocal e exercícios, porém, nas aulas práticas só fizemos aquecimento, improviso vocal e repertório.

Dentro das expectativas confirmadas e não confirmadas, o que o desmotivou e o que o motivou nas aulas?

Eu não tinha ideia de que haveria aulas teóricas no Instrumento Principal Canto Popular. Gostei muito da contextualização do estilo que estávamos aprendendo no semestre, já que a disciplina aborda no semestre sempre algum período como a Era do Rádio por exemplo. Isso foi um ponto motivador. No canto Suplementar I, cantávamos nas aulas na frente dos outros alunos, e isso foi muito positivo pelo lado de tirar a inibição dos alunos.

Colocando uma situação desmotivadora em partes, a questão de o repertório ser fechado aos estilos da época em estudo. Escolher o que eu poderia cantar seria bem mais interessante.

Aluno 2: 32 anos, cursa o 7º semestre do Curso de Licenciatura em Música

Que outros cursos ou aulas de canto teve antes da UNB?

Nunca fiz aula formal, mas cantei a vida inteira na igreja como solista e em corais. Nos corais víamos um pouco de técnica.

Que disciplina cursou ou cursa na UNB de Canto?

Atualmente estou na Camerata de Música Antiga, na disciplina Canto Coral e já fiz Instrumento Principal Canto Popular I e II.

Que expectativas tinha antes das disciplinas de canto? Essas expectativas foram confirmadas? Explique quais se confirmaram e quais não se confirmaram.

Eu tinha uma concepção de aula de canto. Aquecimento, algumas técnicas, algo semelhante ao canto coral. Toda minha vida cantei em corais, então achava que a Disciplina Instrumento Principal Canto Popular seria como os corais. Quando fiz a disciplina vi que não seria do jeito que eu imaginava. Na verdade, na disciplina pouco se trabalhou técnica e o foco era somente performance. A questão da prática da técnica vocal em si, praticamente não teve.

Dentro das expectativas confirmadas e não confirmadas, o que o desmotivou e o que o motivou nas aulas?

Não foi nada como eu imaginava. A desmotivação veio um pouco da técnica vocal ausente, até por isso fui fazer aulas particulares de técnica vocal e faço até hoje.

Aluno 3: 26 anos, cursa o 9º semestre do curso de Licenciatura em Música

Que outros cursos ou aulas de canto teve antes da UNB?

Fiz aulas nos cursos pontuais da Escola de Música de Brasília e no Curso de Verão da mesma escola. Todos em turma.

Que disciplina fez ou faz na UNB de Canto?

Atualmente estou na Camerata de Música Antiga, fiz Instrumento Principal Canto Popular I e II. Também cursei Instrumento Suplementar Canto Popular I.

Que expectativas tinha antes das disciplinas de canto? Essas expectativas foram confirmadas? Explique quais se confirmaram e quais não se confirmaram.

Confesso não ter ideia de como seriam as aulas de canto na UnB. Fiz Instrumento Suplementar Canto Popular I e Instrumento Principal Canto Popular I. Como não tinha expectativas não me decepcionei. A minha performance melhorou, tivemos várias dicas ao longo das disciplinas.

Dentro das expectativas confirmadas e não confirmadas, o que o desmotivou e o que o motivou nas aulas?

Já que tinha uma apresentação no fim do semestre em Instrumento Principal Canto Popular, fiquei ansioso por ter que me apresentar. Não gostei muito da obrigação. Mas entendo que em um ambiente acadêmico, tenho que me colocar à prova. Não me desmotivei por isso.

Gostei muito dos ensaios junto com os alunos de prática de banda. Eu ia motivado a corrigir ali minhas falhas na interpretação e tirar um pouco da minha timidez.

Aluno 4: 30 anos, cursa o 7º semestre do Curso de Licenciatura em Música

Que outros cursos ou aulas de canto teve antes da UNB?

Não estudei pagando. Cantei em coral muitos anos e ali se davam meus estudos.

Que disciplina cursou ou cursa na UNB de Canto?

Fiz Canto Popular I e Canto Suplementar I. Hoje tranquei a matrícula.

Que expectativas tinha antes das disciplinas de canto? Essas expectativas foram confirmadas? Explique quais se confirmaram e quais não se confirmaram.

Eu tinha uma expectativa de melhorar a performance e ter um *feedback* mais direcionado. As expectativas não foram confirmadas, os protocolos eram maiores do que as necessidades. O que foi prometido não foi cumprido, segundo o programa. Em um primeiro momento o Canto Suplementar foi mais interessante que o Canto Principal. O conteúdo abordado foi mais técnico para a melhora da voz.

Dentro das expectativas confirmadas e não confirmadas, o que o desmotivou e o que o motivou nas aulas?

Achei muito bom a possibilidade de analisar outros colegas e ser analisado. Isso me motivava. A falta da sensação de desenvolvimento, era o fator que me desmotivava durante o semestre.